



“DE VOCÊ” COMO POSSESSIVO: UM REFLEXO DA MUDANÇA NO QUADRO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Bruna Carvalho Zarattini¹, Carolina Valadares Tantikitmanee²

¹Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Letras, bzarattini@gmail.com

²Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Letras, caroltikimaneee@gmail.com

Resumo: Este artigo busca trabalhar com as dimensões teóricas e práticas que envolvem a expressão “de você” (e variações) como pronome possessivo. O recurso utilizado, reflexo da mudança no quadro pronominal brasileiro, é sistematizado como uma alternativa à ambiguidade veiculada por “seu” (e flexões). Desse modo, são levantados dados bibliográficos e numéricos, comparando prescrições gramaticais ao uso do Português brasileiro (por falantes nativos), de forma a refletir sobre as convergências e divergências – pontos de contato e limites – entre teoria e prática linguística.

Palavras-chave: Português brasileiro, Gramática, Variação linguística, Quadro pronominal, Pronome possessivo.

1. INTRODUÇÃO

Conforme Mattoso Camara Jr. (1986); Cunha e Cintra (2001), a classe pronominal atrela expressões linguísticas ao discurso, de forma a identificar situações extralinguísticas. Nesse sentido, ao se utilizar o pronome na intenção de referir ou substituir sintagmas nominais – anafórica ou cataforicamente (conforme Bechara (2009, p. 195)) –, concedemo-lhe significação discursiva, de modo a relacioná-lo a situações extralinguísticas.

Os pronomes possessivos, dentro dessa perspectiva, delimitam a ideia de posse de acordo com as pessoas do discurso (conforme Cegalla (2008) e Rocha Lima (2011)) e, portanto, assumem papel análogo à classe dos adjetivos. Relacionando-se a tal situação, Bechara, em “Moderna Gramática Portuguesa” (2009, p. 219), aponta que o emprego do pronome pessoal precedido pela preposição “de”, apesar de pouco ocorrente, é utilizado para substituir o pronome possessivo em sentenças. Entretanto, ainda que o autor classifique tal construção





como infrequente, considerando a mudança no quadro pronominal do Português brasileiro (MENON, 1995), no cotidiano, situações linguísticas como “problema é de vocês” são comuns, como veremos adiante.

Assim, tendo em vista a utilização da expressão “de você” como possessivo, este trabalho busca precisar e clarificar as motivações de seu (não) uso, bem como sua aceitação pelos falantes nativos. Para tanto, como fatores preponderantes para a análise serão considerados: o uso do pronome de tratamento (“você”), como pronome do caso reto (“tu”), e a ambiguidade veiculada por “seu” e variações.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A mudança no quadro pronominal: do tratamento ao caso reto, do caso reto ao possessivo

A língua é um organismo vivo e, por isso, está em constante mudança, motivada pelo uso de seus falantes; “isso significa que quando há qualquer mudança em uma parte desse sistema, essas transformações podem provocar alterações em outras áreas” (SOARES, 1999, p. 8). Assim, a renovação no quadro pronominal brasileiro – que vem assumindo cada vez mais o uso de “você” como pronome de caso reto, e não mais como pronome de tratamento – reafirma tal preceito, uma vez que “como consequência disso os subsistemas dos pronomes objeto e dos possessivos também foram afetados” (SOARES, 1999, p. 8).

Desse modo, ao se empregar o pronome de tratamento “você” como do caso reto, o falante, visando à concordância entre este e o possessivo, utiliza “seu” (e variações). O uso do possessivo de terceira pessoa com função de segunda, entretanto, é causador de ambiguidades, na medida em que não existe diferenciamento entre os tipos de uso, “inovador” ou tradicional.

2.2. Ambiguidade de “seu” – o “teu”, “dele”, “seu” e “de você” – e tentativas de solução contextual

O entendimento de “seu” (e variações) como referente a “ele” e “você” (e





flexões) causa, como comentado anteriormente, a dualidade semântica em contexto. Nesse sentido, Mattoso Camara Jr. (1986, p. 121) afirma que “(...) *seu, sua, seus, suas* é o adjetivo correspondente ao ouvinte como determinante (...). Daí decorre uma ambiguidade incômoda com a série *seu* (...)” para “ele” e “você” (e variações). Para tal impasse, os autores Cunha e Cintra propõem, como solução, o uso do “recurso de precisar a pessoa do possuidor” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 321); utiliza-se, para tanto, a aglutinação de preposição e pronome (*seu* → *dele*), bem como expressões de tratamento (*seu* → *de você; do/a senhor/a*; etc).

Dessa forma, uso da expressão possessiva “de você” funcionaria como uma resposta dos pronomes possessivos às mudanças ocorridas na classe dos pronomes retos. Assim, o emprego de “de você” evitaria a ambiguidade carregada pelo possessivo “seu”, tratando-se das pessoas gramaticais 2 e 3^{as}. Destarte, o termo em estudo opera como uma alternativa aos pronomes possessivos, sendo uma espécie de pronome possessivo “não gramaticalizado”, uma vez que não detém a classificação formal – morfossintática – de pronome.

3. METODOLOGIA

Com uma rápida pesquisa no Google por “de você”/“de vocês”, por exemplo, é possível encontrar situações como a ilustrada abaixo:

FIGURA 1



Imagem capturada do Google, em: 24/07/20.

Considerando tais ocorrências, portanto, o presente trabalho alinhou revisão bibliográfica e dados numéricos, obtidos em um levantamento *online*, realizado em





2019. A coleta de dados se deu por meio de um formulário. Desse modo, por meio do questionário, os respondentes voluntários (falantes nativos), cientes dos objetivos por trás da proposta, deveriam julgar as sentenças como “adequadas” ou “inadequadas”, sem qualquer outra instrução. Todavia, entendendo a complexidade concernente à linguagem e à língua, optou-se por realizar uma gradação entre os extremos, de modo a compreender as atribuições “adequada” (3), “parcialmente adequada” (2), “parcialmente inadequada” (1) e “inadequada” (0).

Ademais, pela objetividade da proposta inicial (trabalho de conclusão de disciplina), bem como para aferir a espontaneidade dos julgamentos, trabalhou-se com oito sentenças descontextualizadas (aqui, sete). Todas as frases abordavam o sentido de posse, justamente para analisar como a mediação linguística de tal aspecto, em termos de aceitação/popularidade, ocorre entre os brasileiros.

4. ANÁLISE DE DADOS

Ao todo, a pesquisa contou com 146 respostas, sendo a aceitabilidade das sentenças distribuída da seguinte forma:

TABELA 1 – ACEITABILIDADE DAS PALAVRAS DE POSSE				
SENTENÇA	ADEQUAÇÃO (EM PORCENTAGEM)			
	3	2	1	0
1. Maria deu o seu presente ao João.	25,3%	36,3%	16,4%	21,9%
2. Isso é problema de vocês!	64,4%	20,5%	5,5%	9,6%
3. Ana, tire a tua dúvida com o professor.	48,6%	32,9%	10,3%	8,2%
4. O teu brinco azul parece com o dela.	50%	33,6%	6,8%	9,6%
5. Maria, esse é o seu irmão?	73,3%	15,8%	6,8%	4,1%
6. A casa de você está em construção?	13,7%	6,2%	15,8%	64,4%
7. Nosso pai irá até a casa de vós.	17,8%	13,7%	19,2%	49,3%

Com base nos dados obtidos, bem como a partir do referencial teórico coletado, foi possível visualizar a mudança de parâmetros no quadro pronominal brasileiro, tal qual a questão ambígua do uso de “seu”. Nesse sentido, o vocativo explica a aceitabilidade (73,3%) da construção 5 (“Maria, esse é seu irmão?”), ao agenciar 1 e 2^{as} pessoas gramaticais. Desse modo, entende-se a mutabilidade e a influência dos paradigmas sobre os indicadores de posse.





Ainda sobre as implicações da variabilidade linguística, Menon (1995) aponta que os paradigmas envolvidos no emprego de “seu” culminam em “confusões na interpretação de certos fatos” (p. 92) pelos usuários da língua portuguesa. A divisão do quórum, em “Maria deu o seu presente ao João”, nesse sentido, retifica a ambiguidade referencial, apresentada pela autora. A partir disso, faz-se necessária a análise mais aprofundada do fato, bem como comentar sobre as alternativas linguísticas compreendidas pelos falantes para contornar a imprecisão morfossemântica.

Nesse impasse, tal ambiguidade, resolvida sob a proposta de Cunha e Cintra – “de você” como “recurso de precisar a pessoa do possuidor” (2001, p. 321) –, não parece incomodar, ao ponto de causar, nos falantes, o ímpeto de seguir, completamente, a premissa gramaticalizada. Tal fato pode ser percebido pela considerável taxa de “inadequação” encontrada em 6 (“A casa de você está em construção?”), frase sem ambiguidade, mas que não atende à realidade linguística dos respondentes. Por sua vez, percebe-se que 2 (“Isso é problema de vocês!”) foi julgada como “adequada” por 64% dos participantes da pesquisa, indicando que a proposição de Cunha e Cintra é parcialmente assimilada pelos falantes do português brasileiro.

5. CONCLUSÕES

Por fim, conforme os dados levantados pela revisão bibliográfica e pelo formulário aplicado, é possível perceber como os aspectos linguísticos se apresentam de forma intrincada e motivada, na prática. Desse modo, ainda, visualiza-se como a influência de novo paradigma envolve toda a sistemática da língua em variação (SOARES, 1999).

Ademais, sob o viés gramatical, é notável que, por mais que Bechara (2009); e Cunha e Cintra (2001) considerem a existência e a ocorrência da construção “de você” – e flexões – como alternativa à ambiguidade de “seu” – e variações –, os falantes internalizam a proposição parcialmente. Isso, pois, conforme Perini (2004,





p. 62), “*seu* significa apenas ‘de você’ (...), [e, portanto] usamos as formas análíticas *dela* [sic], *dela*, *deles*, *delas*, *do senhor*, e inclusive *de vocês*, porque *seu* só vale para o singular”. Nesse sentido, é necessário pensar se, em alguma medida, a aceitabilidade destoante entre as sentenças 2 e 6, tal qual o uso da expressão possessiva, pelos falantes do Português brasileiro, não é fruto de seus preconceitos linguísticos. Estes, assim, fomentados pela norma culta e confirmados pela cristalização da gramática tradicional, minariam a resolutiva no singular (“de você”), para a ambiguidade linguística, instaurada pelo pronome “seu”.

Finalmente, fomenta-se a importância de estudos que se comprometam a analisar e comparar prescrição e prática linguística, seja no âmbito do possessivo, ou em qualquer outro aspecto da língua. Isso, principalmente, pois cabe aos estudiosos em Letras se questionarem e refletirem sobre os limites entre teoria e prática, de forma a contestar o privilégio de algumas regras gramaticais, em detrimento de outras, com base nas recorrentes modificações de emprego linguístico.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Editoras Nova Fronteira e Lucerna, 2009. 848 p.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Gramática da Língua Portuguesa**. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. 695 p.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001. 748 p.
- JR., Joaquim Mattoso Camara. **Estrutura da língua portuguesa**. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 124 p.
- MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do Português do Brasil. IN: **Letras**. n. 44. Curitiba: Editora da UFPR, 1995. p. 91-106.
- PERINI, Mário Alberto. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- ROCHA LIMA, Herdeiros de Carlos Henrique de. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2011. 659 p.
- SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **Segunda e terceira pessoa – o pronome possessivo em questão: uma análise variacionista** (Dissertação de mestrado). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1999. 116 p.

